

NARRATIVAS HISTÓRICAS E MATEMÁTICAS: construção de contos didáticos baseados em fontes para o ensino e aprendizagem em Matemática

Graciana Ferreira Dias¹

RESUMO:

O presente trabalho faz parte do estágio pós-doutoral da autora que tem como objetivo construir sequências didáticas para o ensino e aprendizagem em Matemática, utilizando o método histórico. As sequências didáticas partem de uma narrativa, escrita em forma de conto. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é descrever as histórias dos contos e como as fontes foram mobilizadas para a construção destes. Identificamos as fontes e o caminho percorrido para conseguir cada uma delas. Os contos produzidos contemplam conhecimentos matemáticos e recortes das histórias locais de municípios do estado da Paraíba.

PALAVRAS-CHAVE: Construção de contos. Fontes. Histórias de municípios paraibanos. Ensino aprendizagem em Matemática.

HISTORICAL AND MATHEMATICAL NARRATIVES: construction of didactic stories based on sources for teaching and learning in mathematics

ABSTRACT:

This text is an excerpt from the post-doctoral work plan, carried out by the author, which aims to build didactic sequences for teaching and learning in Mathematics, using the historical method. The didactic sequences produced are based on a narrative, written in the form of a short story. In this sense, the objective of this work is to describe the short stories and how the sources were mobilized to construct them. We identified each of the sources and the path taken to obtain each of them. The stories produced include mathematical knowledge and excerpts from local stories from the municipalities of the State of Paraíba.

KEYWORDS: Construction of short stories. Sources. Stories from municipalities in Paraíba. Teaching and learning in Mathematics.

¹ Doutora em Educação pela UFRN; Professora do curso de Licenciatura em Matemática da UFPB; Membro da linha de pesquisa História e Espaços do Ensino, do Grupo de Pesquisa Espaços, Poder e Práticas Sociais – UFRN; Líder do POTIS – Grupo de pesquisas interculturais em Educação Matemática – UFPB; <http://lattes.cnpq.br/1038047809537238>; graciana@dcx.ufpb.br; ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3790-5415>.

Introdução

O presente trabalho é um recorte do plano de trabalho de pós-doutorado, realizado pela autora, professora do curso de Licenciatura em Matemática do Campus IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no Programa de Pós-graduação em ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob supervisão da professora Margarida Maria Dias de Oliveira, do curso de História da UFRN.

O referido plano tem como objetivo construir sequências didáticas para o ensino e aprendizagem em Matemática, utilizando o método histórico. As sequências didáticas produzidas, além de possuírem objetivo, questão norteadora, orientações ao(a) professor(a), partem de uma narrativa, escrita em forma de conto.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é descrever como as histórias dos contos foram construídas e como as fontes foram mobilizadas para este fim. Em cada um dos contos, partiu-se de uma fonte, que foram jornais impressos e *online*, fotos e mapas. Neste trabalho, traremos um recorte do referencial teórico, especificamente sobre o método histórico e a utilização de fontes. Em seguida, identificaremos cada uma das fontes, o caminho percorrido para conseguir cada uma delas, explicitando como as fontes deram origem aos contos e os conhecimentos matemáticos que emergiram delas.

Referencial Teórico

Para elaboração das sequências didáticas para o ensino e aprendizagem em Matemática, a partir do método histórico, nos baseamos nos estudos de Gaddis (2012) e Prost (2008). Nesse sentido, a partir das leituras desses autores, compreendo o método histórico como um procedimento que envolve a análise de fontes, sobre a qual se formulam questões e se constroem representações de fatos.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Para análise dessas fontes destaca-se a importância da crítica, do tempo e dos conceitos envolvidos. Por fim, o método histórico culmina com uma narrativa.

Neste trabalho, o foco está na análise das fontes e na construção dessa narrativa. De acordo com Alberti (2019, p. 107), o uso de fontes no ensino é essencial pois "permite ampliar o conhecimento sobre o passado" e possibilita que os alunos entendam, na prática, como o conhecimento histórico é constituído. Embora o contexto desse processo seja o ensino de História, essa perspectiva é adotada aqui para o ensino de Matemática, em que as fontes históricas ajudam a tornar o aprendizado matemático mais contextual e significativo.

A autora observa que, muitas vezes, há uma percepção simplista sobre o que é História: como se estudar o passado significasse apenas revisar acontecimentos e produzir um relato sobre eles. No entanto, Alberti (2019) nos lembra que a compreensão do passado é condicionada pelas perguntas que fazemos às fontes. Assim como um cientista no laboratório, o historiador formula questões que orientam sua análise das evidências. Muitas vezes, os documentos disponíveis exigem que essas perguntas sejam reformuladas, o que impacta diretamente as descobertas que surgem desse processo (Alberti, 2019).

Além disso, Alberti (2019) enfatiza o papel central das fontes no aprendizado histórico, uma vez que elas permitem a ampliação do conhecimento dos alunos: "Fontes estimulantes que possam engajar nossos estudantes na direção do tema estudado e permitam explorar a complexidade do passado abrem espaço para o aprendizado efetivo. Elas são indícios de situações vividas e da diversidade de formas de ser e de agir" (Alberti, 2019, p. 107).

Nesse sentido, o foco deste trabalho não está centrado nos professores de História e em suas aulas, mas auxiliar os professores de Matemática em realizar um trabalho significativo com as fontes, de forma que os alunos ampliem sua compreensão tanto histórica quanto matemática. A mobilização de fontes – jornais, fotos, mapas – visa a criar um vínculo com as práticas culturais e históricas das

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

comunidades locais, enriquecendo o conteúdo matemático e promovendo um aprendizado interdisciplinar que dialoga com a experiência concreta dos alunos.

As narrativas e as fontes

Até o presente momento elaboramos cinco sequências didáticas, cada uma sobre um aspecto da história local dos municípios de Baía da Traição, Rio Tinto, Itapororoca, Mamaguape e João Pessoa, todos do Estado da Paraíba.

Escolhemos a escrita de um conto como a forma de desenvolver uma narrativa, servindo de base para as atividades propostas em cada sequência didática. Em cada sequência, o conto foi elaborado a partir das fontes, buscando ser fiel ao tempo e ao espaço que elas representam. Dessa forma, o conto não apenas contextualiza as atividades, mas também atende ao conceito de narrativa histórica que orienta nossa abordagem, que parte do método histórico.

A Sequência didática 1 tem como título *Coretos que guardam Histórias: relações entre Matemática e História local* e traz a temática dos coretos que existem nas praças de muitas cidades do Brasil, e foca inicialmente no coreto da Praça da São João, que fica no município de Mamanguape-PB.

As fontes utilizadas foram cinco fotos do coreto. A primeira que tive acesso, e de onde surgiu a ideia do conto, é do ano de 2012 (Figura 1), e foi cedida pelo Prof. Amir Félix Batista de Oliveira, do seu acervo, em uma de suas visitas à cidade de Mamanguape-PB. Quando tive acesso à foto, percebi que o formato do coreto guarda uma relação direta com um sólido geométrico, chamado de prisma hexagonal, sendo propícia a relação entre a área total e volume do sólido. O que para mim, foi muito importante sendo essa a primeira conexão que encontrei entre a história de um patrimônio e a matemática que emerge dele.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 1: Coreto da Praça São João – Mamanguape-PB



Fonte: Arquivo do Prof. Almir Félix Batista de Oliveira (2012)

Após a escolha do coreto, fui em busca da história da cidade e de indícios da história da construção do coreto. Conversei com algumas pessoas da cidade e tive acesso ao Trabalho de Conclusão de curso, de Ana Lucia Bezerra da Silva Quintão (2024) do curso de Antropologia, que fala da praça São João, conhecida como praça da matriz, onde está o coreto. Assim consegui diversos contatos na cidade, dentre elas Walfrêdo David, conhecido em Mamanguape por Júnior da Locadora. Ele criou uma página no *Facebook* intitulada *Mamanguape conta suas histórias*², em que relembra acontecimentos antigos da cidade e traz fotos de monumentos. Assim, chegamos à segunda foto do coreto, da década de 1960 (Figura 2). Júnior da Locadora conseguiu em suas pesquisas, a referida foto, no arquivo da Família Freire de Lima.

Figura 2: Coreto da Praça São João na década de 1960



Fonte: Facebook Mamanguape conta suas histórias (2024)

² https://www.facebook.com/mamanguapecontasuashistorias/?locale=pt_BR

A terceira foto foi lançamento do Projeto Coreto Cultural, e consta em uma reportagem do portal Brejo.com, no dia 13/02/2017, sob o título *Prefeita Eunice Pessoa lança projeto 'Coreto Cultural' com sucesso de público na praça de Mamanguape*. O projeto “tem objetivo de fomentar a cultura e incentivar os artistas da terra” (Portal Brejo.com, 2017). Escolhemos esta imagem porque mostra um momento de utilização do espaço do coreto, para apresentações culturais (Figura 3).

Figura 3: Coreto da Praça São João à noite, no Projeto Coreto Cultural



Fonte: Portal Brejo.com (2017)

Além dessas, foram utilizadas mais duas fotos, uma do coreto e outra da placa de reconstrução da praça. Estas fotos foram tiradas por mim, em agosto de 2024, em uma de minhas visitas à cidade (Figuras 4 e 5). A Figura 4 é uma foto do coreto de modo centralizado, ao fundo é possível ver uma parte da Igreja matriz de São Pedro e São Paulo, do município de Mamanguape-PB. A foto foi feita com o coreto ao centro, para propiciar a visualização do seu formato.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 4: Foto centralizada do coreto com a Igreja Matriz ao fundo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024)

A Figura 5 é uma foto da placa da reconstrução da praça da Matriz e está instalada no coreto. Segundo a autora Quintão (2024, p.13), a praça foi “reconstruída na administração do prefeito Aécio Flávio Fernandes, e inaugurada em meio a comemoração da emancipação política da cidade, no dia vinte e cinco de outubro”.

Figura 5 – Placa da reconstrução da praça³



Fonte: Arquivo da autora (2024)

³ Texto que consta na placa: Praça Padre João/ Construída Na Adm. Do Prefeito João Caetano/ Em 27.11.1951. Reconstruída Na Adm. Do Prefeito Aécio Flávio Fernandes/ Em 25.10.1989

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A ideia do conto surgiu a partir das fontes, relacionando as retretas que aconteciam no coreto e a inauguração da praça, datada na placa da Figura 5. O conto traz a história da inauguração do coreto e das retretas que aconteciam nesse espaço. A personagem central é um menino, chamado José, e se inicia no dia da inauguração do coreto, em 27 de novembro de 1951. José mostra sua curiosidade e encantamento querendo contar aos amigos e à professora, o que tinha visto na noite de inauguração, já que um de seus irmãos era músico e participou da apresentação da retreta. Este encantamento inicial, de José, perdura durante diversos anos da sua vida. Assim, o tempo passa e José conta essa história para seus filhos e netos. Até que chega ao ano de 2024 em que seus netos fazem uma homenagem a ele, fazendo uma galeria, com fotos de diferentes épocas do mesmo coreto. O intuito era perpetuar a memória do avô e uma forma de contar um pouco da história da cidade.

A sequência didática 2 tem como título *As casas de Rio Tinto e a passagem do tempo*, e traz a temática das modificações na planta de uma casa no decorrer do tempo, diante das necessidades dos moradores. Uma das casas de Rio Tinto foi escolhida, por ainda guardar uma arquitetura muito próxima da construção original, feita pela Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRT), do Grupo Lundgren, entre os anos 1923 e 1940.

A fonte utilizada para a construção do conto foi uma imagem retirada do livro *Rio Tinto: estrutura urbana, trabalho e cotidiano*, organizado por Amélia Panet (2002), em um capítulo escrito pela mesma autora; fruto dos trabalhos desenvolvidos no Curso de Mestrado em Arquitetura, na USP, em meados da década de 1990.

A autora apresenta oito tipologias de edificações destinadas às moradias dos trabalhadores da fábrica. Para isto a autora destaca que contou com o apoio de dois alunos de arquitetura Adriano Serpa e Miriam Panet.

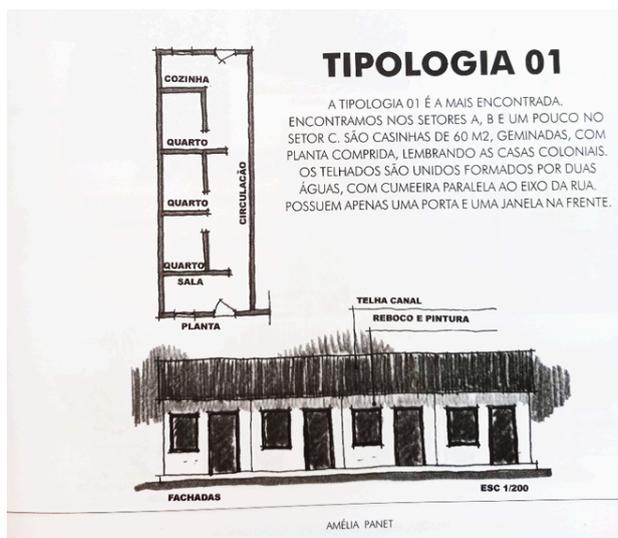
Dentre as tipologias apresentadas, optamos pela tipologia 1 (Figura 6), pois se trata do mesmo modelo da casa de Luana Cardoso, egressa do curso de Licenciatura em Matemática e professora de Matemática do município de Rio Tinto, que nos

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

auxiliou na compreensão das modificações ocorridas em sua casa desde que sua avó recebeu o imóvel, como forma de pagamentos dos direitos trabalhistas, após demissão da CTRT. O relato da professora Luana, converge com o texto trazido por Panet (2002), e a partir dele surgiu a ideia do conto, em que mostramos a modificação feita por sua família, para acrescentar um novo cômodo à estrutura original.

Figura 6 - Fachada e planta de uma casa de Rio tinto - PB



Fonte: Panet (2002)

O conto traz inicialmente uma espécie de classificados, em um jornal *online*, em Junho de 2023. Os classificados trazem o anúncio de venda de uma casa da cidade de Rio Tinto- PB, contendo informações sobre os cômodos, localização e valores. O conto tem duas personagens principais, Lívia que está vendendo a casa e Ana que está interessada na compra, pois está em processo de mudança para a cidade de Rio Tinto, devido a sua passagem em um concurso público. A história gira em torno da planta da casa, já que Ana tem uma espécie de planta da casa da construção original, que encontrou em um livro sobre a arquitetura da cidade. Sua preocupação reside no fato da construção original não possuir banheiros.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

O conto situa o leitor que a construção original da casa se deu pela Companhia de Tecidos Rio Tinto, do Grupo Lundgren, entre os anos 1923 e 1940, sendo uma espécie de “benesse” oferecida pela companhia, aos trabalhadores, já que a maior parte vinha de outras cidades, com a esperança de trabalho e condições de vida mais favoráveis. A avó de Livia era uma dessas trabalhadoras e quando foi demitida pela companhia recebeu a casa em que morava, como forma de indenização pelos anos trabalhados. Livia explica no conto que a construção era semelhante à original, mas que foi construído um banheiro dentro da casa, adaptando a moradia à necessidade dos moradores. O conto finaliza com o interesse de Ana pela casa, e com uma visita para conhecê-la.

A proposta de atividade, trata do cálculo da área construída e o quanto seria gasto para colocar cerâmicas em toda a casa. Além disso, exploro a importância da escala para uma planta, solicitando que os estudantes também apresentem um desenho representando as plantas das suas casas.

A sequência didática 3 tem como título *O abastecimento de água de Itapororoca-PB a partir da nascente: fatores históricos, geográficos e matemáticos que o envolvem* e tem como foco a situação hídrica do município de Itapororoca, que é conhecido por ser um local onde os moradores não pagam conta de água.

O conto parte de uma notícia publicada em 17/06/2022, com o título *Conheça a cidade da Paraíba onde os moradores não pagam conta de água há 60 anos, abordando a situação do abastecimento de água no município de Itapororoca-PB* (Figura 7). A reportagem, que é do Portal G1 Paraíba, revela que, embora essa peculiaridade seja motivo de orgulho local, o sistema de abastecimento, que depende de uma nascente, enfrenta uma crise e não consegue mais suprir a demanda hídrica de todos os moradores.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 7 – Reportagem sobre Itapororoca



Fonte: Lacerda (2022)

Dentro do conto são citadas outras fontes: uma reportagem do dia 31/12/2022, também do portal G1 Paraíba, com o título *Itapororoca, na PB, inaugura roteiro de turismo ecológico com sete pontos de visitação*; o TCC de Jéssica de Lima Silva (2017), intitulada *Caracteriza o do sistema de abastecimento d'água na área urbana do município de Itapororoca/PB* e uma revista da Câmara Municipal de Itapororoca, com artigos sobre a história, geografia e cultura do município (Itapororoca, 2014).

O conto se passa em dezembro de 2023, durante as comemora es dos 62 anos de emancipa o política de Itapororoca. Marta, uma professora de Matemática, decide explorar o tema em sala de aula, buscando conectar a realidade dos alunos com o conteúdo acad mico. Ela apresenta a reportagem e propõe aos estudantes a tarefa de analisar os dados e propor solu es para o problema. Para isso, eles precisam investigar mais a fundo a história da cidade, a geografia local, e o contexto cultural, compreendendo a rela o entre o crescimento populacional, a estrutura original do abastecimento e os desafios atuais.

No conto, os estudantes se organizam em grupos de pesquisa e estudam uma série de fontes, já detalhadas nesse texto. Com base nessas fontes, criam painéis

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

temáticos que abordam desde a fundação da cidade e o papel histórico da água até o impacto do desenvolvimento urbano sobre a crise hídrica. Nas atividades da sequência são exploradas a vazão de água da nascente em relação ao tempo, e os dados de quantidade de litros utilizados por uma pessoa, em um dia. Os dados oportunizam a reflexão sobre a preservação dos recursos naturais de Itapororoca.

A sequência didática 4 tem como título *População Indígena da Baía da Traição e da Paraíba: crescimento e seu significado histórico e sociocultural* e explora a temática do aumento da população indígena no município da Baía da Traição entre os anos de 2010 e 2022.

A fonte utilizada para produção do conto foi uma reportagem de um jornal *online* que traz os dados do censo de 2022 do IBGE sobre o aumento da população indígena no estado da Paraíba. O início da reportagem, pode ser visto na Figura 8.

A reportagem foi encontrada em site de busca *online*, no momento da pesquisa de materiais sobre a história do município de Baía da Traição-PB. O interesse da reportagem se deu, pelo fato de trazer indícios do crescimento da população de municípios que estão no entorno do Campus IV da UFPB, dentre eles Marcação e Baía da Traição.

Figura 8 – Reportagem sobre o crescimento da população indígena



Fonte: Meireles (2023)

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Essa matéria, que é do portal do Jornal A União, é explorada no conto, por um professor de matemática do município da Baía da Traição-PB, que tinha a intenção inicial de realizar uma atividade em grupo. Na atividade os estudantes deveriam discutir os dados da reportagem, e construir o gráfico que mostra o aumento da população do município no censo de 2010 para 2022. Porém, duas estudantes não compreendem o porquê do aumento da população indígena, assim inicia-se a discussão sobre o significado desse aumento, como um processo de autoafirmação da população indígena. Além disso, as estudantes percebem que necessitam de mais dados para realizar a atividade solicitada pelo professor, assim a turma realiza uma pesquisa no site do IBGE sobre o censo de outros anos, encontrando os dados do ano de 2010 que não estavam na reportagem. Com esses dados os estudantes puderam realizar a atividade proposta pelo professor e finaliza-se o conto.

A atividade que se segue ao conto apresenta outros dados divulgados pelo IBGE e explora conteúdos de Estatística, tais como gráficos e tabelas; além do cálculo de probabilidades.

A sequência didática 5 tem como título *Combinatória e Cinemas de rua: explorando a exibição de filmes no bairro de Jaguaribe*, traz uma atividade com os conteúdos de análise combinatória, por meio de arranjos, permutações combinações a partir da exibição de filmes em diferentes cinemas de João Pessoa, nas décadas de 1950 e 1970, especificamente do bairro de Jaguaribe.

O conto se passa inicialmente em 19/02/1976, no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa-PB, e narra a história de Gilson e seus amigos e a busca para assistir ao filme *Tarzan*, no Cine Santo Antônio, que ficava praticamente vizinho à casa de Gilson. Ele, que era apaixonado por Matemática, começou a perceber que existia uma espécie de rodízio entre os filmes e os diferentes cinemas da capital, e assim se passa a história, em que eles querem descobrir quais filmes irão passar na data de 28/02/1976, a partir das descobertas que fizeram.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

O tempo passa, os cinemas de ruas se fecham e em 2024 a filha de Gilson retoma essa história do pai e os cálculos realizados por ele. Ela decide fazer mais pesquisas em jornais antigos e descobre também colunas de divulgação de filmes, do Cine Teatro São José e do Cine Jaguaribe, outros dois cinemas do bairro, agora em jornais da década de 1952. Ela percebe também outros cálculos que podem ser realizados com os filmes encontrados.

As fontes utilizadas para elaboração do conto foram três. A primeira delas diz respeito à coluna Cinema do Jornal a União do dia 19/02/1976, encontrado no Acervo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP, que fica em João Pessoa – PB (Figura 9). Esta coluna foi escolhida pelo fato de conter o filme *Tarzan*, que foi assistido por Gilson Santos Dias, um morador do bairro de Jaguaribe, que nos relatou que no ano de 1976 já morava próximo ao Cinema Santo Antônio.

Figura 9 – Coluna Cinema Jornal A União



Fonte: Jornal A União (1976)

As demais fontes consistem em um recorte do Jornal O Norte, da data de 04/04/1952, encontrado na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (Figuras 10 e 11).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 10 – Programação do Cine Teatro São José de 04/04/1952



Fonte: Jornal O Norte (1952)

Para realizar a pesquisa no site da Biblioteca Nacional⁴, utilizei a aba 'Hemeroteca Digital', em seguida a aba 'Local' e escolhemos o estado da Paraíba. Apareceram 12 opções de faixa de anos, escolhemos a última opção que vai de 1950 a 1959. Essa faixa foi escolhida por causa da inauguração do Cine Teatro São José que ocorreu em 1952.

Figura 11 – Programação do Cine Jaguaribe de 04/04/1952



Fonte: Jornal O Norte (1952)

Considerações Finais

Concluída a primeira versão dos contos, é possível destacar dois aspectos principais. O primeiro é a relevância das fontes para a construção das narrativas. A ideia central para iniciar cada conto foi inspirada diretamente pela fonte disponível

⁴ <https://bndigital.bn.gov.br/>

sobre cada município, seguindo o percurso: Fonte – Conhecimentos Matemáticos – Escrita do Conto.

O segundo aspecto observado, na escrita desse texto, é a variação no modo como as narrativas integram os conhecimentos históricos e matemáticos. Atualmente, as narrativas podem ser classificadas em dois tipos: exclusivamente histórica, como no conto de Mamanguape, onde não há ainda uma conexão explícita com os conhecimentos matemáticos presentes na sequência; e histórico-matemática, como nos contos de Rio Tinto, Itapororoca, Baía da Traição e João Pessoa, onde os conhecimentos matemáticos começam a se integrar ao enredo dos próprios contos. Nesse sentido, observei que se faz necessário retomar a narrativa do município de Mamanguape, incorporando elementos matemáticos para que ela também reflita essa abordagem integrada entre história e matemática.

Nesse sentido, finalizo ressaltando a importância da realização da pesquisa histórica, a partir da qual tive acesso às fontes citadas no decorrer desse trabalho. As fontes me mostraram diferentes representações históricas dos municípios que fazem parte do entorno do campus ao qual trabalho. A partir desse mergulho nas fontes pude perceber os conhecimentos matemáticos que emergem das histórias dos municípios e assim criar os contos e posteriormente as sequências didáticas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Dicionário de Ensino de História**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2019.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da História: como os historiadores mapeiam o passado**. Trad. Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

JORNAL A União. **Coluna Cinemas**. João Pessoa, 1976. Disponível em: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Acesso em: 01 ago. 2024.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

JORNAL O Norte. **Programação cinemas**. Ano XLII. n. 637. João Pessoa, 1952. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

LACERDA, Lua. **Conheça cidade da Paraíba onde os moradores não pagam conta de água há 60 anos**. Portal G1 Paraíba. João Pessoa, 2022. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/populacao-indigena-cresce-20-35. Acesso em: 25 jul. 2024.

MEIRELES, Luciene. **População indígena cresce 20,35%**. Jornal A União. João Pessoa, 2023. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/populacao-indigena-cresce-20-35. Acesso em: 02 ago. 2024.

PANET, Amélia [et al]. **Rio Tinto: estrutura urbana, trabalho e cotidiano**. João Pessoa: UNIPÊ, 2002.

PORTAL brejo.com. **Prefeita Eunice Pessoa lança projeto “Coreto Cultural” com sucesso de público na praça de Mamanguape**. Mamanguape, 2017. Disponível em: <https://brejo.com/2017/02/13/prefeita-eunice-pessoa-lanca-projeto-coreto-cultural-l-com-sucesso-de-publico-na-praca-de-mamanguape/>. Acesso em 09 set. 2024.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

QUINTÃO, Ana Lucia Bezerra da Silva. **A praça da matriz: sociabilidade e lazer antes, durante e depois da pandemia**. Trabalho de conclusão de Curso. Graduação em Antropologia. Universidade Federal da Paraíba. UFPB: Rio Tinto, 2024.

SILVA, Jéssica de Lima. **Caracterização do sistema de abastecimento d'água na área urbana do município de Itapororoca/PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2017. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/13261/1/PDF%20-%200Jessica%20de%20Lima%20Silva.pdf>. Acesso em 20 jun. 2024

ITAPOROROCA. **Itapororoca: ontem e hoje**. Revista da Câmara Municipal de Itapororoca. Editora Alfa Multimídia, 2014.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade